

## Artigos de Temas Livres / *Free Thematic Articles*

# Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo / *Frantz Fanon: capitalism, racism and the sociogenesis of colonialism*

DEIVISON MENDES FAUSTINO<sup>1</sup>

**Resumo:** A análise de Frantz Fanon sobre o colonialismo abrange tanto o impacto do mundo social sobre a emergência dos sentidos e identidades humanas quanto às situações individuais e coletivas de ressignificação histórica do mundo. Entretanto, esta abordagem foi recebida de maneira não consensual pela literatura especializada pendendo para apreensões que ora enfatizam os seus aspectos macropolíticos e/ou econômicos ora os aspectos subjetivos/psíquicos e/ou culturais de sua reflexão. Em contraste crítico a esta polarização, este artigo retoma o conceito fanoniano de “sociogenia” e o identifica como base estruturante de sua proposta teórica. Não obstante, argumenta que este enquadramento aponta para a determinação reflexiva entre capitalismo, colonialismo e racismo e, sobretudo, para a possibilidade histórica de uma práxis anticolonial emancipadora que abranja tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos da existência humana. Para embasar tal posição, vale-se de trechos diversos produzidos pelo autor ao longo de sua trajetória teórica.

**Palavras-chave:** Frantz Fanon; sociogênese; colonialismo; racialização.

---

1 Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Saúde, Educação e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista.

**Abstract:** Frantz Fanon’s analysis of colonialism encompasses both the impact of the social world on the emergence of human senses and identities as well as the individual and collective situations of historical re-signification of the world. However, this approach has been received in a non-consensual way by the specialized literature, hanging over seizures that sometimes emphasize its macro-political and / or economic aspects, or the subjective / psychic and / or cultural aspects of its reflection. In critical contrast to this polarization, this article resumes the Fanonian concept of “sociogenia” and identifies it as the structuring basis of its theoretical proposal. Nevertheless, he argues that this framework points to the reflexive determination between capitalism, colonialism and racism and, above all, to the historical possibility of an emancipatory anticolonial praxis that covers both the objective and the subjective aspects of human existence. In order to base this position, it uses several passages produced by the author throughout his theoretical trajectory.

**Keywords:** Frantz Fanon; sociogenesis; colonialism; racialization.

Estudos diversos têm identificado uma cisão teórico/epistêmica entre o que seria a obra de um “Jovem Fanon”, pretensamente acadêmico e liberal, em suas divagações existenciais e psicoafetivas, escritas em *Peau noire masques blancs* (1952),<sup>2</sup> e um “Fanon Maduro”, terceiro-mundista e violento, advogado da emancipação humana pela práxis revolucionária descrita em *Les damnés de la terre* (1961). Os trabalhos de Robinson (1993, 2000), Burawoy (2010), Crowell (2011), Harvey (2014), Rabaka (2009, 2010, 2011), Mercer (1994, 1996), Bhabha (1994, 1996) e Chow (1999) são unânimes ao identificar esta distinção. A diferença entre eles situa-se em qual dos “polos” teóricos cada um se situa e quais aspectos buscam destacar na obra de Fanon. (FAUSTINO, 2015).

Em um caminho distinto, argumento, neste paper, sobre a inexistência desta pretensa cisão, mas, sobretudo, pela existência de um fio

---

2 A partir deste momento, o primeiro livro de Fanon, *Peau noire, masques blancs*, publicado pela primeira vez em 1952, será apresentado neste texto sob a sigla PNMB.

condutor que conforma o edifício teórico fanoniano desde o início, em seus primeiros escritos, em 1952, até o derradeiro trabalho escrito quase dez depois. Este fio condutor é a noção de “sociogenia”, apresentada por Fanon em PNMB e “presente oculta”, como estrutura teórica, em todos os outros textos escritos pelo autor.

A posição aqui defendida destoa relativamente das posições presentes no *mainstream* literário contemporâneo a respeito de Fanon<sup>3</sup> – e os seus tímidos reflexos no Brasil – para se aproximar das posições defendidas por autores como Gordon (2015), Sekyi-Otu (1996, 2003), e Wynter (1999). Entretanto, dado o escopo do texto, me limitarei a destacar alguns trechos, escritos por Fanon em momentos diversos, que permitam, acredito, tornar visível o que seria este fio condutor, e, sobretudo, as suas implicações concretas para a busca de emancipação.

### A “sociogenia”

A análise fanoniana do colonialismo relaciona tanto o “impacto do mundo social sobre a emergência dos sentidos e identidades humanas” quanto “as situações individuais [que] se relacionam com o desenvolvimento e a preservação política e social das instituições” (GORDON, 2015, p. 2). Esta posição, visível já em PNMB quando o autor discute as potencialidades e limites da psicanálise freudiana, desautoriza a ideia de uma possível separação entre um Fanon psicanalista e um revolucionário, como se pode observar:

Reagindo contra a tendência constitucionalista em psicologia do fim do século XIX, Freud, através da psicanálise, exigiu que fosse levado em consideração o fator individual. Ele substituiu a tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é só uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia. De certo modo, para responder à exigência de Leconte e Damey, digamos que o que pretendemos aqui é estabelecer um sociodiagnóstico. (FANON, 2008, p. 28).

---

3 Se é que este *mainstream* existe, ele ainda se manifesta de maneira muito tímida no Brasil, onde importantes pensadores negros, inclusive de esquerda, continuam sistematicamente ignorados. O termo utilizado refere-se, principalmente a um conjunto de estudos que vem sendo produzido há algumas décadas na literatura de língua inglesa e francesa. Ver, neste sentido, Faustino (2015).

Como se sabe, a psicologia filogenética ou constitucional é aquela que relaciona o comportamento humano à “morfologia” e à “fisiologia”, criando uma correlação entre o perfil corporal e as características psicológicas dos sujeitos. Fanon, psiquiatra preocupado com as dimensões sociais do sofrimento psíquico, comemora a ruptura representada pela psicanálise freudiana, mas advoga pela necessidade de ir além da dimensão psicoafetiva do desejo, compreendendo-a em seu contexto histórico e social concreto. Por esta razão, é enfático ao dizer que “O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício”, pois “a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa da influência humana. É pelo homem que a sociedade chega ao ser”. (FANON, 2008, p. 28).

Isto significa que, para ele, se nos ativermos ao tema central deste *paper*, os processos pelos quais o colonialismo se constitui, bem como as suas implicações traumáticas para a subjetividade do colonizado, só se tornam inteligíveis quando tomados em suas determinações historicamente concretas: a modernidade capitalista e a sua necessidade de converter o que é genuinamente humano em objeto de sua acumulação:

Antes de abrir o dossiê, queremos dizer certas coisas. A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo:

- inicialmente econômico;
- em seguida, pela interiorização, ou melhor, epidermização dessa inferioridade. (FANON, 2008, p. 28).

Por outro lado, esta “tomada de consciência” deveria ser pautada por uma análise que ultrapassasse a dimensão meramente econômica da dominação. O próprio marxismo, com o qual Fanon dialoga criticamente ao longo da sua produção, precisaria, segundo argumenta, ser “estendido” para dar conta deste mundo (colonial) onde até a dialética opera com restrições:

Quando se percebe na sua imediatez o contexto colonial, é patente de que aquilo que fragmenta o mundo é primeiro o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura.

A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser ligeiramente estendidas, a cada vez que se aborda o problema colonial. (FANON, 2010, p. 56).

Assim, em um primeiro nível da análise, Fanon ressalta o quanto o racismo e a racialização – implícitos à situação colonial – são partes de um processo maior de dominação: a violenta e desigual expansão das relações capitalista de produção para o mundo não europeu. Como se pode ler em um texto apresentado ao I Congresso dos Escritores e Artistas Negros, em Paris, em setembro de 1956: “o racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada”. (FANON, 1969, p. 35).

Por esta razão seria incorreto acreditar que as forças sociais que empreendem uma guerra colonial o fazem tendo em vista um confronto cultural. Pelo contrário, afirma: “a guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a escravização, no sentido mais rigoroso, da população autóctone”. (FANON, 1969, p. 37-38).

O mundo colonial é um mundo congenitamente cindido, e a separação entre os polos é mantida pela força das armas (FANON, 2010). Diferentemente do que ocorre na metrópole, onde a exploração econômica dos trabalhadores é mascarada pelas pretensas ideias de unidade nacional, superioridade racial ou até mesmo democracia, nas colônias a dominação não pode ser disfarçada e se expressa de maneira irrestrita, inviabilizando qualquer movimentação política que se aproxime de uma sociedade civil. Diante da situação colonial, a violência dispensa a necessidade de legitimação, já que o Outro – que não é mais visto nem tratado como extensão do meu eu, apenas um outro coisificado e “inessencial” – só aparece como predicado dos desejos e gozo do colonizador.

Neste ponto, chegamos ao segundo nível da análise, pois para ele a “expropriação, o despojamento, a razia, o assassinio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem” (FANON, 1969, p. 38), engendrando posições sociais “epidermizadas” que marcadas por uma divisão racial

do trabalho, pressupõe o lugar dos indivíduos a partir das marcas fenotípicas e culturais.

O racismo para Fanon é tanto um “produto” quanto um *processo* pelo qual o grupo dominante lança mão para desarticular as possíveis linhas de força do dominado, destruindo seus “valores, sistemas de referência e panorama social”: uma vez “desmoronadas, as linhas de força já não ordenam. Frente a elas, um novo conjunto, imposto, não proposto, mas afirmado, com todo o seu peso de canhões e de sabres”. (FANON, 1969, p. 38).

Não se trata aqui de afirmar que o racismo é um epifenômeno das contradições de classe e muito menos que este se dissolveria diante de uma solidariedade abstrata entre os proletários do mundo,<sup>4</sup> mas, sim, ao contrário, que o racismo é apropriado, na sociedade moderna, como elemento que torna possível o empreendimento colonial, tão vital, num primeiro momento, à acumulação primitiva de capitais e, num segundo momento, à exportação desigual e combinada das contradições implícitas ao sistema para a sua periferia global.

A posição de Fanon permite perceber o quanto essa prática de negação da humanidade não apenas se restringiu aos territórios colonialmente ocupados, mas também se configurou como eixo estruturante da própria modernidade, como enfatiza: “Sim! A civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial”. (FANON, 2008, p. 88-89).

Nesta altura, fica mais fácil visualizar o terceiro nível de análise fanoniana do colonialismo, que, embora presente nos momentos anteriores, expressa uma forma mais profunda de reificação, justamente porque se remete à interiorização subjetiva, por parte do colonizado, dos complexos oriundos da situação colonial. A “racializa-

---

4 Esta posição fica nítida em um diálogo crítico que Fanon estabelece com a Esquerda Francesa em um artigo publicado no jornal *El Moudjahid* de 15/12/1957, durante a luta de libertação da Argélia: “A este nível, a reflexão permite-nos descobrir uma particularidade importante do fato colonial argelino. No interior de uma nação, é clássico e banal identificar duas forças antagônicas: a classe operária e o capitalismo burguês. No país colonial esta distinção revela-se totalmente inadequada. O que define a situação colonial é bem mais o caráter indiferenciado que a dominação estrangeira apresenta”. (FANON, 1964. p. 89).

ção” das experiências do colonizado marcam a sua relação com o mundo e consigo, proporcionando-lhe uma autoimagem distorcida. O primeiro aspecto da racialização é a “epidermização” dos lugares e posições sociais, ou seja, aquilo que se entende por raça passa a ser definidor das oportunidades e barreiras vividas pelos indivíduos ao longo de sua vida. Por esta razão, nas colônias, afirma Fanon, “a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico”. (FANON, 2010, p. 56).

É esta a raiz da figuração do colonizado como um ser enclausurado em seu corpo, tido quase sempre como bruto, rústico e emocionalmente instável, em contraposição ao europeu, apresentado sempre como expressão universal das qualidades úteis ao controle do mundo. Tanto a pretensa europeização da razão ou do sujeito, quanto a objetivação reificada do negro – ou não branco/ocidental/europeu –, são expressões deste mesmo processo de racialização.

O segundo e não menos importante aspecto da racialização – já que sem ele todo o restante não seria possível – é a interiorização subjetiva, tanto por parte do colonizador quanto por parte do colonizado, desta epidermização. É o momento em que os indivíduos deixam de se reconhecer mutuamente como reciprocamente humanos para ver a si e ao outro por meio da lente distorcida do colonialismo. A fantasmagórica e hierárquica contraposição binária entre Branco  $\times$  Negro é assumida por ambos como identidades fixas e essenciais, moldando de forma empobrecedora a percepção de si e do mundo.

Embora o branco goze de privilégios de toda ordem, não está isento às reificações racializadas, pois ao atribuir ao “Outro” elementos humanos que também são seus, aliena-se da própria humanidade. O “complexo de inferioridade” infringido ao negro é proporcionalmente acompanhado por um “complexo de superioridade” por parte do branco, mas este complexo é marcado por um sentimento de castração (FANON, 2008, p. 147). Este “Outro”, amaldiçoado e inferiorizado, assombra e atrai, com seus atributos “sobre-humanos” – exatamente àqueles que o Branco deixa de ver em si –, exageradamente mistificados e animalizados.

A “sensualidade inata da mulata ferosa; o enorme pênis do negão comedor hiperviril; a habilidade natural dos negros para atividades lúdicas, emotivas e corporais”, em geral, assustam e atraem, justamente por corresponder àquilo que passou a “faltar” ao branco. Em contrapartida, uma vez que a objetificação não é horizontal e o negro é obrigado a enxergar-se com o olhar distorcido do branco, há o risco frequente de afirmar-se como sujeito, utilizando apenas das roupagens e lugares (reificados) que o branco lhe reservou, permanecendo, portanto, escravo da esquizofrenia alheia, o Eu aprisionado na alteridade do outro – *self-as-Othered*. (HALL, 1996, p. 17).

O ponto que se busca destacar aqui é que a noção de sociogenia, apresentada por Fanon, 1952, continuou operando em suas análises posteriores como um “presente oculto” que estruturou o conjunto de sua reflexão. A preocupação com a dimensão psicoafetiva do desejo e os seus impactos na conformação de subjetividades racializadas, tão exaltada por autores como Bhabha (1994, 1996), Hall (1996) e Mercer (1996), está sempre presente como exemplos perceptíveis da profundidade da situação colonial, mas não como espinha dorsal da reflexão. O colonialismo em Fanon é um dado da realidade social que se manifesta como exterioridade concreta aos sujeitos, não se resumindo, em hipótese alguma, a um regime de verdade ou a uma visão de mundo, mas sim, conformando as condições de possibilidades para as representações (distorcidas, diga-se, e não apenas inventadas) de colonizadores e colonizados.

Como veremos, esta constatação é incontornável quando se observa as respostas oferecidas por Fanon ao julgo colonial. Trata-se de subjetividades marcada a ferro e fogo pela racialização fetichizante, mas a superação desse fetiche, segundo defende, não se resume – embora não possa prescindir de novos jogos de representação (HALL, 1996) e decodificação simbólica (HALL, 1997) – às batalhas no campo do significado, mas, pelo contrário, devem se dar principalmente no campo prático-sensível, conformando uma sociabilidade nova.



## A luta política e os desafios do tempo

Se nos restringimos ao primeiro livro de Fanon, e ainda diante dele, ignorarmos os chamados do autor à ação política, à sociogenia do colonialismo ou mesmo à sua provocante citação do *18 Brumário*, de Karl Marx, clamando ao futuro (FANON, 2008, p. 185), poderíamos supor com Bhabha (1996) que as críticas de Fanon à modernidade ocidental direcionam-se de fato à anunciada (e comemorada) “morte do sujeito”. Segundo esta perspectiva, a racialização colonial, anunciada por Fanon, marcaria de tal forma a constituição das sociedades modernas que o colonialismo – como regime de verdade totalizante – não se configuraria como a exceção ou a antítese ao humanismo mas, sim como expressão de sua plena efetivação.

Diante desta universalização “compulsória” dos pressupostos éticos, políticos e estéticos europeus, restaria aos “discursos” subalternos “desconstruir” as representações hegemônicas e “desestabilizar as fronteiras identitárias a partir de novas performatizações e jogos de significação” (HALL, 1996, BHABHA, 1996, BUTLER, 2004). Nem a ordem do capital é aqui considerada, nem a própria objetividade da sociabilidade colonial, porque o próprio colonialismo é considerado apenas em suas dimensões discursivas. A saída, portanto, se é que ela existe, seria encontrada a partir da emergência de novos discursos não essencialistas, até então subalternizados.

Entretanto, uma observação atenta aos textos escritos por Fanon sugere um caminho bastante distinto deste, embora não prescindia, em nenhum momento, da necessidade de se criar “novas” representações acerca do humano, mas tais mudanças no campo do simbólico não parecem resumir a luta, mas algo a ser conquistado ao longo de seu próprio processo. É na transformação radical da sociedade colonial, enquanto ente existente no mundo concreto – e não apenas no discurso – que novas representações podem vir à tona. Como explica Fanon, ainda em seu primeiro livro, “uma outra solução é possível, mas ela implica a reestruturação do mundo” (FANON, 2008, p. 82). Para ele, essa anunciada reestruturação só conseguiria “sacudir as raízes contaminadas do edifício” (FANON, 2008, p. 28) se avançasse para além das dimensões simbólicas e subjetivas. (FANON, 2008, p. 44).

A “sociogenia” de Fanon pressupõe que “a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana” (FANON, 2008, p. 28). Portanto, é apenas a participação ativa na luta política pela transformação das condições sociais concretas de existência que abriria as possibilidades para o surgimento de um novo ser humano. O autor aposta na “luta de libertação” como “ente” que teria o poder de engendrar do ventre da reificação colonial um novo ser humano:

Ou se põe opondo-se, já dizia Fichte. Sim e não. Dissemos, na nossa introdução, que o homem é sim. Não cessaremos de repeti-lo./Sim à vida. Sim ao amor. Sim à generosidade./Mas o homem também é não. Não ao desprezo do homem. Não à indignidade do homem. Não à exploração do homem. Não ao assassinato daquilo que há de mais humano no homem: a liberdade./O comportamento do homem não é somente reativo. Sempre há ressentimento em uma reação. Nietzsche, em *La volonté de puissance*, já o tinha assinalado. Conduzir o homem a ser acional, mantendo na sua esfera de influência o respeito aos valores fundamentais que fazem um mundo humano, tal é a primeira urgência daquele que, após ter refletido, se prepara para agir. (FANON, 2008, p. 184).

Contudo, como vimos, esse homem acional, ou pelo menos as possibilidades concretas para que ele pudesse afirmar a sua *volonté de puissance*, ainda não se faziam visíveis como possibilidade concreta nos primeiros anos da década de cinquenta, quando Fanon escreve o seu primeiro livro, mas os acontecimentos sociais e políticos dos anos seguintes foram decisivos para a reflexão teórica do autor, ao apontar a possibilidade concreta de o “último ser o primeiro”.<sup>5</sup> Para ele, a guerra de libertação nacional descortinaria a possibilidade de superação, tanto do racismo como da “exploração do homem pelo homem”, inaugu-

---

5 Destacam-se neste período que sucedeu a escrita de *PNMB*, em 1952: A realização do Congresso de Manchester, em 1945, e a volta de Nkrumah a Gana, apelando para a revolução nacional como único caminho viável para a independência; a independência dos países asiáticos no pós-guerra e a conquista de independência da Líbia (1951) vão resultar, a partir de 1956 – época em que Fanon já vivia em Blida, na Argélia, como médico chefe de um hospital psiquiátrico – na chamada “avalanche negra” a partir da independência do Sudão, do Marrocos e da Tunísia, em 1956; da independência de Gana, em 1957, e Guiné, em 1958, seguidas pelo Camarões, Somália, República do Congo, Senegal e o Togo, em 1960, entre outras.

rando assim um novo tempo histórico. A práxis revolucionária teria o poder de negar o estatuto colonial em todas as suas dimensões, restituindo a esse “outro” reificado a sua posição de sujeito de si, ascendendo, assim, de objeto “inessencial” a um novo homem, como é possível ler neste artigo em que comenta a revolução argelina:

De fato, a Revolução Argelina restituiu à existência nacional os seus direitos. De fato, é testemunho da vontade do povo. Mas o interesse e o valor da nossa Revolução residem na mensagem de que é portadora. [...] A Revolução Argelina, propondo-se à libertação do território nacional, visa não só à morte deste conjunto, como à elaboração de uma sociedade nova. A independência da Argélia não é apenas o fim do colonialismo, mas o desaparecimento, nesta parte do mundo, de um gérmen de gangrena e de uma fonte de epidemia. A libertação do território nacional argelino é uma derrota para o racismo e para a exploração do homem; inaugura o reino incondicional da justiça. (FANON, 1957, p. 72).<sup>6</sup>

Em outro texto, escrito dois anos mais tarde, quando o colonialismo francês já dava sinal de esgotamento e algumas mudanças promovidas pela luta de libertação já podiam ser visualizadas, ele insiste:

Nós desejamos poder mostrar, com este primeiro estudo, que sobre a terra argelina nasceu uma nova sociedade. Hoje, os homens e mulheres da Argélia não se parecem aos de 1930, aos de 1954, aos de 1957. A velha Argélia está morta. [...] A nação argelina não se situa no futuro. [...] Está situada exatamente no centro de um novo homem argelino. Há uma nova natureza do homem argelino, uma nova dimensão de sua existência. A tese que afirma que os homens se transformam no exato momento em que modificam o mundo, nunca foi tão evidente como o é agora na Argélia. Esta prova de força não remodela somente a consciência do homem sobre si mesmo, mas também a ideia que tem de seus antigos dominadores e do mundo, por fim a seu alcance. Esta luta a níveis diferentes renova os símbolos, os mitos, as crenças e a emoção de um povo. Na Argélia, assistimos à reposição do homem. (FANON, 1968, p. 10-12).

---

6 Artigo publicado no jornal *El Moudjahid*, n. 10, set./1957. Disponível também em: *Pour la révolution africaine (écrits politiques)*, 1964.

Neste ponto da reflexão, a comparação de Fanon com Nietzsche pode ser interessante. Timothy Brennan (2014) nos lembra que o filósofo alemão repudiava a dialética socrática porque ela pressupunha a possibilidade das classes baixas ascenderem ao centro do cenário político, enquanto Fanon, ao contrário, clamava por esta dialética, como condição de emancipação. Em um caminho semelhante ao de Brennan, Ato Sekyi-Otu – embora afirme que o colonialismo apresentado por Fanon é mais inteligível por meio da lógica aristotélica dos contrários do que da contradição hegeliana –, argumenta que a diferença central entre Hegel e Fanon é que o último se afasta da interpretação de um movimento dialético promovido pela autoiluminação da consciência para se aproximar de um humanismo radical que se efetiva a partir da ação. (SEKYI-OTU, 1996, p. 30).

A práxis, em Fanon, é o momento em que a “coisa colonizada” se torna ‘homem’ no processo mesmo pelo qual se liberta” (FANON, 2010, p. 53, grifos meus), pois, de um lado, atua para dissolver objetivamente os “contrários aristotélicos” que se fazem socialmente presentes na política, na economia e mesmo na cultura, e, por outro lado, favorece, ao colonizado em luta, a emergência de uma nova forma de perceber o mundo e, conseqüentemente, a si próprio. Como afirma Judith Rollins (2007), a diferença determinante entre Hegel e Fanon não é a recusa ou não da dialética, mas o fato de Hegel apostar no trabalho como condição de emancipação do escravo, enquanto Fanon aposta na práxis revolucionária, pois:

Em qualquer nível que a estudemos – encontros interindividuais, denominações novas dos clubes esportivos, composição humana das *cocktails-parties* (festas), da polícia, dos conselhos administrativos dos bancos nacionais ou privados – a descolonização é simplesmente a substituição de uma “espécie” de homens por outra “espécie” de homens. Sem transição, há substituição total, completa, absoluta. (FANON, 1968, p. 25).

É verdade, como contesta Homi Bhabha (1994), que os “delírios humanistas” de Fanon não se concretizaram, e a violência, implícita tanto ao colonialismo como também às movimentações sociais que o contrapunham, foi levada – sob o protesto de Fanon – a caminhos

infrutíferos.<sup>7</sup> Também é verdade, como o próprio autor já havia alertado, que estrutura econômica da colônia dificultava uma saída verdadeiramente independente. Com uma economia historicamente organizada para atender aos interesses da metrópole, e uma burguesia débil, que se limitava a ser intermediária dos antigos colonos, a luta anticolonial regrediu, tal como previsto pelo autor, às novas formas de colonização e exploração. Aliás, dos caminhos teocráticos da Argélia pós-independência ao genocídio em Ruanda; da guerra civil em Angola ao surgimento do Boko Haram; da manutenção das iniquidades raciais no pós-*apartheid* sul-africano ao neocolonialismo francês no Mali e adjacências... Os alertas de CT foram lamentavelmente certos.

Entretanto, o aspecto que importa é que a “apropriação crítica de Hegel” (SEKYI-OTU, 1996, p. 25), estabelecida por Fanon ao longo de seus escritos, aponta mais para a efetivação prático-sensível da dialética do que para a sua recusa. Essa efetivação, porém, não se apresenta como repetição “colonizada” de uma lógica exógena aos problemas coloniais, mas como necessidade e possibilidade implícita ao próprio sistema de dominação (BIRD-POLLAN, 2014; DUNAYEVSKAYA, 1989; GIBSON, 2007; J. GORDON, 2014; L. GORDON, 2015). Isto não significa restringir a análise às dimensões econômicas da exploração, mas, ao contrário, atentar-se para a sofisticação e profundidade da abordagem em tela.

A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais.

Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. Faz tanto tempo...

Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou. E muito menos aqueles a quem ela se destina. E então? Então, calma-

---

7 Ver neste caso o capítulo II *Grandeza e fraquezas da espontaneidade*, do CT, onde Fanon alerta para os limites e contradições implícitos à violência, bem como às noções reificadas de identidade, propostas pelo nacionalismo anticolonial. (FANON, 2010).

mente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo. Em direção a um novo humanismo... À compreensão dos homens... Nossos irmãos de cor... Creio em ti, Homem... O preconceito de raça... Compreender e amar... (FANON, 2008, p. 25-26).

**Artigo submetido em 05/09/2017 e aceito  
para publicação em 10/01/2018**

## Referências

- BHABHA, H. **The location of culture**. New York: Routledge, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Day by Day... with Frantz Fanon”. In: Alan Read (Ed.). **The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation**. Seattle: Bay Press, 1996, p. 186-205.
- BIRD-POLLAN, S. **Hegel, Freud and Fanon: the diabetic of emancipation**. London and New York: Rowman & Littlefield International, 2015. (Creolizing the Canon).
- BRENNAN, Timothy. Apuestas subalternas. **New left review**, n. 89, 2014.
- BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Unicamp, 2010.
- BUTLER, J. **Undoing Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.
- CHOW, R. Female sexual agency, miscegenation, and the formation of community in Frantz Fanon. In: Alessandrini, A. **FRANTZ FANON: critical perspectives**. London and New York: Routledge, 1999.
- CROWELL, J. Marxism and Frantz Fanon’s Theory of Colonial Identity: parallels between Racial and Commodity-Based Fetichism. **Scientifica Terrapin**, 2011.
- DUNAYEVSKAYA, R. **Philosophy and revolution: From Marx to Mao and from Hegel to Sartre**. Detroit: News and Letters, 1989.
- FANON, F. **Peau noire, masques blancs**. Editions du seuil: 1952.
- \_\_\_\_\_. **Pour la révolution africaine (écrits politiques)**. François Maspero: 1964.
- \_\_\_\_\_. **Les damnés de la terre**. Paris: François Maspero, 1968.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1969.

\_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

FAUSTINO, Deivison. **Por que Fanon**, Por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. São Carlos-SP, 2015.

GIBSON, N. Is Fanon relevant? Toward an alternative foreword to “The Damned of the Earth”. **Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge**, v. Special Double-Issue, Summer 2007, p. 33-44.

GORDON, J. A. Revolucionários em tempos contrarrevolucionários: desenvolvendo a consciência nacional fanoniana no século XXI. **Meritum**, v. 8, n. 1, p. 259-277

GORDON, L. **What Fanon Said: a philosophical introduction to his life and thought**. Fordham University Press Publication, 2015.

HARVEY, D. **Seventeen contradictions and the end of capitalism**. Profile Books, 2014.

HALL, S. The after-life of Frantz Fanon: why Fanon? Why now? Why *black skin*, white masks? In: READ, A. (Ed.), **The Fact of Blackness: Frantz Fanon and visual representation**. London: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts, 1996.

\_\_\_\_\_. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.). **Representation: cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

MERCER, M. **Mirage: enigmas of race, difference and desire**. London: 1994.

\_\_\_\_\_. Decolonisation and disappointment: reading Fanon’s sexual politics. In: READ, A. (Ed.). **The Fact of Blackness: Frantz Fanon and visual representation**. Seattle: Bay Press, 1996.

RABAKA, R. **Africana Critical Theory: reconstructing the black radical tradition, from W.E.B. Du Bois and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amílcar Cabral**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2009.

\_\_\_\_\_. **Forms of fanonism: Frantz Fanon’s critical theory and the dialectic decolonization**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2010.

\_\_\_\_\_. Revolutionary fanonism: on Frantz Fanon's modification of marxism and decolonization of democratic socialism. **Socialism and Democracy**, v. 25, 2011.

ROBINSON, C. The appropriation of Frantz Fanon. **Race and Class**, v. 35, n. 1, 1993.

\_\_\_\_\_. **Black Marxism: the making of the black radical tradition**. The University of North Carolina Press, 2000.

ROLLINS, Judith. 'And the Last Shall Be First': The Master-Slave Dialectic in Hegel, Nietzsche and Fanon. **Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge**, v. 5, n. 3, 2007.

SEKYI-OTU, Ato. **Fanon's dialectic of experience**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **Fanon and the possibility of postcolonial critical imagination**. University of Ghana, Legon, 2003.

WYNTER, S. Towards the Sociogenic Principle: Fanon, The Puzzle of Conscious Experience, of "Identity" and What it's Like to be "Black". **Collection of Essays National Identity and Sociopolitical Change: Latin America Between Marginalization and Integration**. University of Minnesota Press: 1999.